

Narrativas africanas: identidade e pertencimento na poesia de Craveirinha

CAIRO MOHAMAD IBRAHIM KATRIB¹

WYLLIANE ESTELAIDE PAIXÃO DE SANTANA²

INTRODUÇÃO

O presente texto faz parte das discussões iniciais sobre História e Literatura que estamos realizando dentro dos grupos de estudos e pesquisas do grupo de Educação Tutorial – Pet (Re) conectando saberes, fazeres e práticas, voltadas para a temática etnicorracial na tentativa de compreender os aspectos políticos e culturais que influenciaram a vida e obra de José Craveirinha recompondo a sua identidade cultural e seu pertencimento étnico. Pretendemos, por meio da análise dos fragmentos das poesias: Grito Negro (1980) e Manifesto (1995) pós-libertação de Moçambique (Oito de setembro de 1974), entender como o sentimento de formação de uma identidade moçambicana atrelado a sua participação na célula da 4.^a Região Político-Militar da Frente de Libertação Moçambicana contribuiu para uma formação literária crítica da colonização indo além de uma visão somente partidária, uma vez que esse contexto a poesia de Craveirinha “[...] é uma afirmação de um *eu* que rejeita a europeidade, pela recusa de seus ouvidos em levar o coração e os pensamentos e a sintaxe anglo-latina [...]” (Matusse, 1993, p. 73).

Sendo assim, a narrativa de Craveirinha é um refletor de uma negação a assumir a imposição dos elementos da cultura europeia; é uma recusa crítica a admitir elementos até mesmo na escrita usando para tal, a exaltação do negro, até então desvalorizada, de forma a sobrepor os valores, crenças e estéticas da sua cultura à do colonizador.

Craveirinha: Filho da África

José Craveirinha nasceu num contexto moçambicano de colonização europeia, filho de pai branco e mãe negra, o que lhe causou significativo conflito interno por conta de sua

¹ Docente do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia-Campus Ituiutaba, Tutor Pet Mec/Sesu/Secadi – Pet (Re) conectando Saberes, fazeres e Práticas: Rumo a cidadania Consciente, Vice coordenador do Laboratório de Cultura Popular e vídeo documentário-DOCPop/UFU.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Campus Ituiutaba, Bolsista PET (RE) Conectando Saberes, Fazeres e Práticas: Rumo à Cidadania Consciente.

condição étnica. Visto como mulato, Craveirinha foi um dos maiores defensores da raça negra e isso se reflete em todos os setores de sua vida, com destaque para a poesia.

O escritor/poeta moçambicano contribuiu com publicações em vários almanaques e revistas africanas dentre as quais destacamos: *O Brado Africano*, *Itinerário*, *Notícias*, *Mensagem*, *Notícias do Bloqueio* e *Caliban*. Destaca-se aqui também, que tomado por esse sentimento de pertencimento cultural a Moçambique, suas publicações mesmo de cunho futebolístico sempre se destacou o enaltecimento, as especificidades da sua cultura, elementos que o diferenciava sua narrativa em relação ao futebol europeu. Craveirinha buscava valorizar, tanto o jogador, quanto suas linguagens e gestos específicos a partir de seu pertencimento local. Assim, as narrativas do poeta [...] contribuem para identificar alguns mecanismos de «crioulização» do jogo em Moçambique, ajudando a perceber a construção de uma modalidade singular (...)” (DOMINGOS, 2006, p. 413).

Craveirinha militou na FRELIMO - Frente de Libertação Moçambicana e por isso permaneceu preso pela PIDE (Polícia Política de Portugal) durante cinco anos, apesar de a FRELIMO ser considerada autora de vários fuzilamentos, não podemos deixar de negar sua influência na independência de Moçambique, como movimento descolonizador, ela era um grupo com divergências internas devido à grande quantidade de diversidade étnica e geográfica, porém esse fato foi amenizado pela escolha de Eduardo Mondlane para sua presidência, já que ele não pertencia a nenhum dos grupos étnicos raciais em questão (Craveirinha era de etnia ronga, herança de sua mãe).

É importante salientar que, mesmo sendo inegável a importância do movimento para a independência (tardia) moçambicana, o partido FRELIMO, buscou através de diversos meios, dentre eles a poesia, estabelecer uma tentativa de criação e exaltação de um modelo uno de nacionalidade, o que é sentido na obra poética de Craveirinha. O poeta manifesta em versos e prosas o orgulho a sua Terra Natal, os laços de afetividade ao lugar e, na perspectiva de edificar um sentimento moçambicanidade e da etnia ronga, reforça os vínculos com a cultura herdada, onde destacamos a presença dos dialetos e da oralidade no contexto poético construído na forma de protesto como uma assertiva unívoca moçambicana.

Participação Política e Poesia

Craveirinha fez de sua poesia e de sua escrita crítica (como jornalista), um de seus maiores instrumentos na descolonização de Moçambique e valorização de sua negritude. É considerado, até os dias hoje, um dos maiores poetas da língua portuguesa, recebendo diversos prêmios de caráter nacional e internacional, como por exemplo, o Prêmio Camões em 1991.

A poética de Craveirinha é carregada da influência da tradição oral, mesclado a rejeição e desvalorização de elementos da cultura do colonizador, dando a sua obra, um duplo sentido, de um lado sua escrita repudia as imposições trazidas pela Europa a troco do massacre que faziam em sua cultura e de outro reforça os vínculos identitários com a cultura africana quando valoriza os dialetos dando um sentido mais vivo a palavra falada. Craveirinha manifesta de forma lírica uma inquietação que traz dentro de si, um sentimento que impera e que não pode mais se fazer esperar “[...] Uma necessidade angustiosa e urgente de ser cidadão desse País (Moçambique), muitas vezes altas horas da noite” (CRAVEIRINHA, 1989, p. VIII – X).

Outro sentimento além da pertença identitária tão exacerbada nas poesias de Craveirinha e que caracteriza sua narrativa de forma marcante em sua obra diz respeito a visibilidade do africano, a autoafirmação do negro, como belo, cheio de vida e vontade próprias nas suas labutas mesmo cotidianas. Essa entonação dada ao negro em contraposição ao branco tem o tom de afirmação da negritude e da africanidade, e pretendeu, de maneira explícita, e em forma de rompimento, desvalorizar as características da cultura europeia.

Assim, a proclamação do orgulho de ser negro, não só afirma o poeta como tal, como também se insere na estratégia de ruptura com o sistema de valores que o indignifica, contribuindo para a construção de um novo sistema, próprio. [...] insere-se numa práxis de proclamação do orgulho de ser negro, contrariando a alienação provocada pela zoomorfização e coisificação a que o etnocentrismo europeu votava o africano (MATUSSE, 1993, p. 74).

Dessa forma, compreendemos que a intenção real da poesia de Craveirinha é exatamente contrariar o olhar europeu acerca do negro, afirmando sua negritude, suas práticas e seu conjunto de códigos sociais pautados na sua trajetória cultural. Craveirinha era absolutamente contra a noção de civilização imposta pelos moldes europeus, e isso pode ser notado em seu forte apelo à oralidade perceptível em sua escrita poética, a utilização de palavras que designam elementos da cultura africana sem correspondentes na língua

portuguesa, e, principalmente, a exaltação da negritude de seus elementos belos, não considerados como tais pela cultura europeia.

No poema *Manifesto* de 1995, Craveirinha mais uma vez coloca como principal questão a exaltação do negro de suas características físicas, assim como louvor a pátria na constante devoção à nacionalidade e mais no amor a mãe África, posterior ao processo de descolonização como forma de autoafirmação. Craveirinha constantemente utiliza de elementos de sensualidade do corpo negro, sarcasmo, natureza e religiosidade de sua terra para dar essa entonação quase que falada aos poemas. Como se pode notar pelo trecho a seguir do referido poema:

Oh!
Meus belos e curtos cabelos crespos
e meus olhos negros como insurrectas
grandes luas de pasmo na noite mais bela
das mais belas noites inesquecíveis das terras do Zambeze.
(MANIFESTO, X, p. 33)

Em *Grito Negro* também de 1995 destaca-se a presença do estilo poético Neo - realismo e da negritude que caracterizam os versos de uma entonação falada de uma força do negro que rejeita servir como força motriz de trabalho ao branco colonizador, o negro que será o carvão para, a exploração do patrão, e o mesmo carvão que vai queimar os resquícios da cultura do branco, que se liberta, que rejeita os moldes de vida impostos previamente. Essa poesia tem um forte sentido político já que nela José Craveirinha denunciou a exploração nas minas de carvão e, aproximou a cor do carvão, à cor da pele dos trabalhadores das minas como uma maneira de expressão de seu sonho de liberdade.

GRITO NEGRO

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
E fazes-me tua mina
Patrão!

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão
Para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não

Patrão!

Eu sou carvão!
E tenho que arder, sim
E queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão!
Tenho que arder na exploração
Arder até às cinzas da maldição
Arder vivo como alcatrão, meu irmão
Até não ser mais tua mina
Patrão!

Eu sou carvão!
Tenho que arder
E queimar tudo com o fogo da minha combustão.

Sim!
Eu serei o teu carvão
Patrão

CONCLUSÃO

A expressão literária que abrangeu toda Moçambique em meados do século XX foi e é de uma inconfundível importância, para sua afirmação enquanto República Democrática. Levando em consideração o seu vasto período de exploração e, como colônia de Portugal, suas heranças colonizadoras são inevitáveis, por isso não é de se estranhar a tentativa da recuperação de uma nacionalidade contida na narrativa poética de José Craveirinha.

Tal fato analisado a forte tradição oral africana se torna mais excepcional e rica, já que essa tentativa de construção nacional mescla dois campos independentes do saber, que são o da tradição oral e da escrita (no caso, poética). José Craveirinha está inserido nesse meio, de modo a nos beneficiar com a vastidão e preciosidade de sua obra, para além dos alcances de Moçambique, a sua história de luta e protestos, por si só já é válida e se abarcada com a literatura africana, fornece-nos um campo novo da História da África: o da tradição oral, contada de forma manuscrita.

Porém o campo de saber africano não se esgota aí, é um emaranhado de relações étnicas e um jogo de forças raciais e políticas de incomensurável valor, e sua forma de afirmação por si só, independentes de nações impositoras, é válida, de tal forma que valorize

que a África (leia-se no caso, Moçambique) tem de melhor, que é a sua especificidade, os africanos, independente de qual etnia pertencem e independentes do vínculo internacional do colonialismo que não levava apenas seus bens naturais, mas que matava tanto os povos, quanto sua cultura.

Bibliografia

DOMINGOS, Nuno. *Análise Social*, vol. XLI (179), 2006, 397-416.

MAQUÊA, Ana Lúcia da Rocha. Memórias inventadas: Um estudo comparado entre *O Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum e *Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra* de Mia Couto; 2007, Tese de doutorado em Estudos Comparados e Literaturas de Línguas Portuguesas, Faculdade de Letras de Universidade de São Paulo São Paulo-SP.

MATUSSE, Gilberto. A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa; Dissertação de mestrado em Literaturas comparadas portuguesas e francesas; 1993; Universidade Nova de Lisboa.

SPINUZZA, Giulia. A Poética de Eduardo White. 2009, Mestrado em Estudos Românticos Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Literaturas Românticas.